

Alemanha está fadada à grandeza

Por **Martin Wolf**

Valor Econômico, 10.12.14

A Alemanha é uma força hegemônica relutante. Mas ela é poderosa e essencial demais para evitar seu novo destino. Sobre ela repousa o futuro de uma Europa política e economicamente frágil. O tempo do pensamento estreito e da pouca vontade política passou

Em 2014, comemoramos o 100º aniversário do início da Primeira Guerra Mundial e o 25º da queda do Muro de Berlim. O primeiro acontecimento levou à catástrofe ainda maior representada pela Segunda Guerra Mundial, seguida pela divisão da Europa entre o Ocidente e o bloco comunista. O segundo marcou o fim dessa divisão e o surgimento de uma Europa, íntegra e livre. Atualmente, vemos uma grande ironia da história: a Alemanha conquistou, por meios pacíficos, a posição que tentava obter com a força das armas. Queira-se ou não, a República Federal é a potência central da Europa.

Alguns nascem grandes, alguns conquistam a grandeza e alguns estão fadados à grandeza. A Alemanha atualmente vive esta última alternativa em sua plenitude. Como então ela está se saindo no exercício dessa superioridade? Bastante bem, mas não suficientemente bem.

A primazia da Alemanha não é apenas questão de seu tamanho e posição geográfica. Também não é apenas fruto de sua perícia manufatureira. O notável é que, dos grandes países da Europa, a Alemanha conta com a democracia mais estável e mais adulta. É isenta do populismo xenófobo que compromete os outros países. Em Angela Merkel, o país possui uma liderança excepcionalmente madura e responsável.

Apesar desses triunfos, as coisas vão mal. A economia da zona do euro está atolada na estagnação e na inflação ultrabaixa. Mas muitos formuladores de políticas públicas alemães resistem aos esforços de mudar esse quadro para melhor. Em vista disso, para um número excessivamente grande de pessoas, o decantado projeto da Europa representa não a esperança de uma vida melhor, e sim seu oposto.

Por outro lado, mais ao oriente, uma Rússia revanchista desestabilizou uma infeliz Ucrânia e ameaça desestabilizar também algumas outras porções de seu antigo império. Mais uma vez, tal como no caso da economia, isso põe à prova as reações da Alemanha do pós-guerra. O país quer evitar uma postura mais assertiva, mas não pode mais fazer isso.

A dificuldade encontrada pela Alemanha em desempenhar seus novos papéis é compreensível.

A Alemanha não pediu o euro. Pelo contrário, a moeda foi o preço tolamente cobrado aos alemães pelos outros pela unificação. Os formuladores alemães de políticas públicas compreenderam as implicações políticas e econômicas de uma união monetária. Quase todos dos demais aspirantes a membros não compreenderam. Além disso, a Alemanha tem uma dificuldade ainda maior: as doutrinas econômicas que sustentaram seu sucesso no pós-guerra não podem

ser transferidas tal como são para a economia da zona do euro, maior e mais diversificada. Ela tem de negociar acordos baseados em concessões mútuas com países tidos por muitos alemães como fracassados.

As doutrinas econômicas fundamentais para o pensamento convencional alemão são as de uma pequena economia aberta. Aproximadamente o mesmo vale para sua geopolítica. A responsabilidade por garantir a ordem mundial repousava sobre os outros: os Estados Unidos, acima de tudo, e, na Europa, a França e o Reino Unido.

Em ambos os casos essas perspectivas "de país pequeno" eram uma resposta natural, imposta, na verdade, aos desastres que se seguiram aos esforços anteriores da Alemanha de "conquistar a grandeza". Mas esse tipo de reação não é mais adequado. Deixou um vácuo que somente a Alemanha pode preencher.

No caso da zona do euro, o ponto de partida tem de ser encarar a economia da zona do euro como um todo. O que vemos no bloco? O índice restrito de inflação ano a ano é de apenas 0,7%. No segundo trimestre de 2014, a demanda interna nominal estava 1,7% acima de seu pico pré-crise e a demanda real estava em 5% abaixo desse pico. O desemprego atinge 11,5% da força de trabalho. O que isso mostra? Em poucas palavras: o Banco Central Europeu não está cumprindo suas atribuições.

Em discurso recente, o presidente do Bundesbank, Jens Weidmann, respondeu a essa realidade argumentando que "é fantasioso acreditar que os instrumentos de política monetária são capazes de elevar, de maneira sustentável, o potencial de crescimento de uma economia". Ele tem razão. Mas a política monetária tem de buscar garantir que esse potencial seja utilizado. Evidentemente, isso é muito difícil numa área de moeda única com enormes diferenças de competitividade interna. Mas isso simplesmente chama a atenção para outro ponto: a luta pela competitividade dentro da zona do euro por meio de reduções salariais não é um caminho para uma prosperidade amplamente compartilhada. É, em vez disso, uma situação em que só se ganha quando o outro perde.

Para que a Alemanha seja uma força hegemônica bem-sucedida, precisa ampliar sua percepção. Um ponto de vista amplamente adotado na Alemanha é o de que, sem o flagelo da crise, não há reforma. Isso encerra alguma verdade. Mas há outra: países em apuros podem eleger governos que recusem a política racional. Isso pode ser um desastre maior para o futuro da Europa. "Zelar pelos mais fracos" continua sendo um lema sensato ao se lidar com crises.

O que isso significa neste momento? Significa que, assim como a Alemanha estava certa em apoiar Mario Draghi em seus esforços para eliminar o risco de uma dissolução da zona do euro em 2012, da mesma forma ela precisa apoiar o presidente do BCE em seus esforços para promover a demanda e evitar a deflação hoje. Significa também que, como país credor, ela precisa aceitar responsabilidade pelo que financia e pelas maneiras pelas quais financia.

A reestruturação da dívida precisa ser discutida agora, a começar pela Grécia. A Irlanda, da mesma forma, deve ser libertada do custoso ônus de socorrer financeiramente os tontos dos credores externos de seus bancos. Em especial, significa que a Alemanha precisa compartilhar a responsabilidade pelo ajuste macroeconômico do pós-crise. A pergunta para uma força hegemônica

inteligente passa a ser: de que forma o meu comportamento determina a estabilidade e o sucesso do sistema do qual eu também me benefico e pelo qual sou, em grande medida, responsável?

Essa pergunta desponta tanto na geopolítica quanto na economia. Cabe à Alemanha, mesmo que com aliados, conceber uma reação à Rússia de Vladimir Putin que associe o atrativo da vantagem mútua à severidade da dissuasão. Isso exigirá que a Alemanha assuma uma posição assertiva na defesa dos valores ocidentais.

A Alemanha é uma força hegemônica relutante. Isso é muito fácil de entender. Mas ela é poderosa e essencial demais para evitar seu novo destino. Sobre ela repousa o futuro de uma Europa política e economicamente frágil. O tempo do pensamento estreito e da pouca vontade política já passou. A Alemanha é agora um grande país, com grandes responsabilidades. Será julgada pelo grau com que se mostrar à altura delas. **(Tradução de Rachel Warszawski)**